

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 20 • 2013

CARLOS RIBEIRO (1813-1882)

GEÓLOGO E ARQUEÓLOGO

Homenagem da Câmara Municipal de Oeiras
e da Academia das Ciências de Lisboa
nos 200 anos do seu nascimento



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

2013

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutora Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 20 • 2013

ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Pentaedro, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Carlos Ribeiro (1813-1882), geólogo e arqueólogo.
Homenagem da Câmara Municipal de Oeiras
e da Academia das Ciências de Lisboa
nos 200 anos do seu nascimento

CARLOS RIBEIRO E O RECONHECIMENTO DO SOLO QUATERNÁRIO DO VALE DO TEJO: ENQUADRAMENTO GEOLÓGICO DOS CONCHEIROS MESOLÍTICOS DAS RIBEIRAS DE MAGOS E DE MUGE

João Luís Cardoso¹

As condições em que se deram as primeiras descobertas de concheiros nos vales das ribeiras de Magos e de Muge foram relatadas pelo próprio Carlos Ribeiro, em 1871, anos depois das primeiras escavações e publicações:

“Foi à custa de não pouco trabalho e de bastantes contrariedades, que no anno de 1863 e seguintes descobrimos, e fizemos colligir sob nossa exclusiva e immediata direcção, tanto os restos de esqueletos humanos, de animaes vertebrados e molluscos no Cabeço de Arruda, Salvaterra e outros logares dentro do valle do Tejo, como a maior parte dos numerosos objectos de arte humana pre-historica que em 1868 se viam no museu da Commissão Geologica. Deu origem a estas investigações e descobertas, a necessidade de reconhecermos pelo exame dos factos geologicos, quaes tinham sido os movimentos mais importantes occorridos no nosso solo depois da abertura dos valles de primeira ordem que actualmente o cortam, e indicar quaes d’esses movimentos foram contemporaneos da especie humana; questões estas da mais alta importância, e que interessam não só á geologia da península hispanica, como á hydrographia e aos difficeis problemas hydraulicos, que a engenharia tem de resolver para a restauração e conservação dos nossos portos e barras” (RIBEIRO, 1871, p. 1, nota infrapaginal).

Verifica-se, assim, que Carlos Ribeiro desde cedo perspectivou a investigação em Arqueologia Pré-histórica, como importante fonte de conhecimento, indispensável à Geologia do Quaternário, e à Geologia aplicada à Engenharia, hoje designada por Geologia de Engenharia. Tal posição só espanta por ser pioneira, e sobretudo porque, infelizmente, não teve o desenvolvimento que mereceria: quantas dificuldades no terreno e dinheiro mal gasto do erário público se teriam poupado se os projectistas de obras públicas dos dias de hoje tivessem a simplicidade e a clarividência demonstradas por Carlos Ribeiro, ele próprio personificando a importância da existência de um conhecimento sincrético, que, englobando a Geologia, a Arqueologia e a Engenharia, tornaram mais sustentável e valorizaram indiscutivelmente a sua actuação, tanto no terreno, como nos relatórios e trabalhos que produziu.

Com efeito, se, por um lado, era a aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos e a inventariação dos recursos naturais do País (geológicos e hidrogeológicos) que justificava a existência da Comissão Geológica, por outro, verifica-se que Carlos Ribeiro não foi indiferente à polémica filosófica sobre a origem e antiguidade do Homem, que estalou por toda a Europa em 1860, na sequência da publicação em Dezembro de 1859, em Londres, da primeira edição da célebre obra de Charles Darwin, *“On the origin of species”*. Como ele próprio declarou, no manuscrito ora publicado, foi nesse ano que ele deu ordens aos colectores para prestarem particular atenção os

¹ Universidade Aberta e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

testemunhos de antigas presenças humanas na região do baixo vale do Tejo, sensível ao impacto que qualquer descoberta nesse campo pudesse ter na ciência europeia.

Com efeito, importa não esquecer que um dos campos mais fecundos de investigação da antiguidade do Homem, a par do estudo das cavernas, correspondia aos terraços fluviais, como o do vale do Somme, onde Boucher de Perthes, desde a década de 1840, vinha porfiadamente publicando as suas descobertas (PERTHES, 1847, 1857, 1864).

Da pertinácia do funcionário da Alfândega de Abbeville, resultou, nesse mesmo ano de 1859, o reconhecimento científico, por parte da generalidade dos geólogos e paleontólogos ingleses e franceses, da antiguidade das evidências ali reunidas (PERTHES, 1860), demonstrando-se inequivocamente o trabalho humano dos objectos, por um lado, e a sua coexistência com restos de espécies extintas, por outro. A descrição da evolução dos trabalhos efectuados nesse memorável ano de 1859, feita por Charles Lyell, é expressiva dos cuidados dispensados à determinação exacta dos locais de recolha dos objectos talhados, na sequência estratigráfica dos depósitos, os quais foram objecto de escavações com tal finalidade. Resumindo a sua posição favorável às evidências recolhidas, depois de ter enumerado as contradições, avanços e recuos das acaloradas discussões havidas, tanto no terreno como nas Academias, o grande geólogo inglês, concluiu:

“I may conclude this chapter by quoting a saying of Professor Agassiz, “that whenever a new and startling fact is brought to light in science, people first say “it is not true”, then that “it is contrary to religion”, and lastly, “that everybody knew it before” (LYELL, 1863, p. 105).

Compreende-se, assim, a importância que Carlos Ribeiro conferiu, a partir de 1860, conforme declara no manuscrito ora publicado, à prospecção dos terraços e dos depósitos detriticos da margem esquerda do vale do Tejo, ele que, à semelhança dos restantes elementos da Comissão Geológica (Pereira da Costa e Nery Delgado), se encontrava bem informado dos progressos dos conhecimentos geológicos, paleontológicos e arqueológicos que então se verificavam na Europa ocidental, directamente relacionados com a investigação da origem e antiguidade da espécie humana.

Deve-se ao próprio Carlos Ribeiro as primeiras descobertas dos vestígios das mais antigas actividades humanas no baixo Tejo, em 1863, ano igualmente memorável no progresso dos conhecimentos sobre a origem do Homem, não só devido à publicação da obra de Charles Lyell anteriormente referida, *“The geological evidences of the antiquity of Man”*, mas também pela descoberta, no vale do Somme, em Moulin-Quignon, perto de Abbeville, de mandíbula humana que, conforme se veio a verificar de imediato, correspondia a tentativa de forjar uma prova directa inofismável, que até então faltava, sobre a demonstração da presença humana em tão recuados tempos. Apesar de verificada a fraude, Lyell, que a discutiu detalhadamente, manteve-se firme na autenticidade dos achados de artefactos líticos anteriormente efectuados, suficientes para a demonstração da referida antiguidade, conforme consta de adenda ao célebre seu livro (LYELL, 1864, p. 18, 19).

Em Portugal, estavam deste modo criadas as condições para Carlos Ribeiro assumir como prioritárias as investigações da mesma índole no vale do Tejo, o que veio a acontecer ao mesmo tempo que, em França se desenrolavam os acontecimentos acima referidos. Os registos de campo de Carlos Ribeiro, em curso de publicação noutro lugar (CARDOSO, 2015), comprovam que foi nos dias 13 e 14 de Abril de 1863 que se deram as primeiras descobertas:

“Abril 13 e 14

Digressão ao Paúl dos Magos e determinação de limites.

A margem esquerda do Valle do Tejo appresentase em esplanada mui suave desde o Casal ou Quinta do Sargento Mór ate Salvaterra. No valle do Paul de Magos é a margem direita abatida e a esquerda abrupta. As alturas relativas da margem desde a coroa da esplanada ate ao campo andam por 10 a 15,0 m.

Ao da Q.ta da Sardinha obra de 1 kilometro para O. no sitio do Córte grande e em propriedades do Arneiro do Roquete, depara-se com uma mui grande quantidade de fragmentos de conchas recentes de mistura com arêa solta semi grosseira. Os fragm.tos são n'uma tal quantidade que embranquecem o solo às manchas seg.do a accumulacão é maior ou menor. O seo aspecto é exactamente o d'arêa das praias que tem m.to fragm.to de concha. Por entre esta area ou na superficie encontrasse m.tos bocados destas areas conglutinados com os fragm.tos das conchas parecendo com m.tas conglutinações que se encontram nas arenatas da linha de costa, como por exemplo no sitio das Sete Bicas entre a Foz d'Albufeira e a Foz da Fonte.

A extensão que occupa é pequena nao chega a 400,0m. É coberto pelas arêas finas pliocenes, mas as que o vento tem posto em movim.to. A sua altitude vai até 14 m. Começando do campo ou de uma pequena valêta forma uma pequena rampa que precede uma planura onde acabam os taes restos animaes.

Os restos que ali se encontrão são – Uma phalange que parece de digitigrado Um fragmento de vertebra de mamal terrestre Um fragmento de craneo (osso espesso) – Idem Fragmen.tos d'ossos dos membros locomotores – Idem Fragm.tos de costellas – Idem Pequenos ossos delgados e fragm.tos d'outros –

Garras de Caranguejo –

Buccinum – Tellina – Nucula – Cardium edule – Ostrea (???) no estuario do Tejo – Chitton (sic) – Idem – e que se come – Pecten – Solen –

Estas conchas tem algumas as cores, o nacarado, e as outras teem a frescura de conchas novas. São indícios do antigo estuario do Tejo. (...).”

Abril 24 – Digressão pela Rapôsa, V.e de Postigo e Machadinhos.

*Por cima das camadas de gres avermelhado trigueiro pliocene que formam a escarpa que denominam a Fonte da Burra proximo às Pontes do Ralão logo a sahida de Muge ha as arenatas com abundantes restos de conchas (Cardium, Telina, etc.) a um nivel de 12 m acima dos campos de Muge dentro do Paul. Segui pela Motta da Valla ate metter na estrada que vai à Rapousa (sic) e ao lado della ¼ d'ora depois de deixar a motta encontrase um pequeno cabeço denominado Cabeço d'Arruda. Elle está uns 6,0m acima do Paul. Apresenta para o lado do Paul uma escarpa abrupta formada por uma lumachella de conchas marinas, e ossos d'animaes terrestres tendo 3,0 m de possança visivel. Ali encontrei o Cardium edule, um único bocado de valva de Solen, uma pequena *cypraea*, sendo a lumachella formada na maior p.te de Fragilias e conchas quebradas pela maior p.te e tudo bivalves. Encontrei também um bocado de mandibula de mamal terrestre com dentes; uma porção de mandibula de Roedor, uma phalange, e diferentes ossos de roedores e d'outros animaes.*

No mesmo deposito do Cabeço d'Arruda encontram-se calhaus de quartzite ate ao tamanho d'óvos de perúa, dispersos d'um modo irregular no interior da massa, e com o seo eixo maior diversamente inclinado ao plano horizontal segundo o qual o deposito se manifesta. Tudo prova que é um deposito de transporte feito por uma corrente violenta que parece ter seguido paralella ao eixo do valle do Tejo e n'uma epocha em que já se tinha feito os depositos pliocenes. Encontram-se neste deposito m.tos fragm.tos de madeira completam.te carbonisada. (...).”

Tais registos, escritos pelo próprio Carlos Ribeiro, em folhas pautadas de cadernos de 35 linhas, correspondem a versão melhorada dos apontamentos, mais apressados, registados no caderno de campo com a mesma data, pertencente ao Arquivo Histórico do LNEG, entretanto publicado (CARDOSO & ROLÃO, 1999/2000, Documento nº. 3) e pouco diferem do texto inédito dedicado ao “solo quaternário” (CARDOSO, 2013), e ali transcrito.

São estas as primeiras referências aos célebres concheiros de Muge. Deste modo, pode concluir-se que o concheiro do Arneiro do Roquete foi o primeiro a ser localizado, no vale da ribeira de Magos, confirmando as informações publicadas por Carlos Ribeiro anos depois (RIBEIRO, 1884, p. 280). Este concheiro foi também designado pelo topónimo de Quinta da Sardinha, nome que Afonso do Paço haveria ulteriormente de equacionar com

dois outros topónimos de concheiros, o da Cova da Onça e o do Monte dos Ossos, ambos situados na margem direita da ribeira de Magos (PAÇO, 1938). Deste modo, pode concluir-se, apesar das reservas colocadas por Afonso do Paço, que os três topónimos correspondem apenas a um sítio arqueológico (CARDOSO & ROLÃO, 1999/2000, p. 85). Mais declara o autor que, por oposição do proprietário, não lhe foi possível proceder a escavações arqueológicas no local (RIBEIRO, 1884).

Progredindo a sua exploração de jusante para montante, ao longo da margem esquerda do vale do Tejo, e já na ribeira de Muge, zona húmida designada por Paul do Duque, o primeiro concheiro a ser encontrado por Carlos Ribeiro foi o do Cabeço da Arruda, a 24 de Abril de 1863. Logo depois, procedeu à identificação dos concheiros da Fonte do Padre Pedro, do Cabeço da Amoreira e da Moita do Sebastião (então conhecido pelo nome de Fonte da Burra), mencionados no manuscrito ora publicado, dos quais os dois últimos, a par do Cabeço da Arruda, foram objecto de novo ciclo de escavações em 1884 e 1885 (OLIVEIRA, 1888/1889).

É interessante verificar que, aquando da descoberta dos concheiros do Arneiro do Roquete e do Cabeço da Arruda, Carlos Ribeiro tenha atribuído a sua formação a causas naturais, e não à actividade antrópica. Esta só foi devidamente valorizada no Cabeço da Arruda aquando das escavações ali realizadas no ano seguinte, evidenciadas pela identificação e recolha de 45 esqueletos humanos (COSTA, 1865, p. 13).

As escavações efectuadas em 1864, corresponderam a um corte que atravessou todas as camadas constituintes do concheiro, no lado sudoeste do mesmo, voltado para o Paúl do Duque, tendo sido minuciosamente descritas, registadas (Fig. 1) e interpretadas por Carlos Ribeiro, conforme se verifica na monografia assinada apenas por Pereira da Costa, a primeira publicada em Portugal dedicada a uma estação pré-histórica. É provável mesmo que Pereira da Costa jamais se tenha deslocado ao local dos concheiros.

Perante os dados observados, Carlos Ribeiro concluiu que a formação do concheiro do Cabeço da Arruda só poderia explicar-se por causas antrópicas, e não naturais (COSTA, 1865, p. 9 e 10). Porém, em passagem do manuscrito em apreço pode ler-se, pelo contrário, que os depósitos do Cabeço da Arruda e do Arneiro do Roquete são em tudo idênticos aos depósitos do baixo Tejo imediatamente anteriores à camada moderna, com gastrópodes terrestres, embora para isso se tenha de prescindir, como bem declara Carlos Ribeiro, “*dos ossos humanos e dos d’outros animaes, das cinzas e do carvão que se vêem (...)*”.

Pode assim concluir-se que, à data da redacção desta segunda parte da sua memória sobre a “*Descrição do terreno quaternário das bacias hydrographicas dos rios Tejo e Sado*” (RIBEIRO, 1866), já depois de efectuada a primeira campanha de escavações no Cabeço da Arruda em 1864, a opinião do autor evoluiu no sentido de, embora atribuindo aquela acumulação, a causas antrópicas, as características dos depósitos permitiam situá-los antes da formação das assentadas mais modernas da série descrita no documento ora publicado (CARDOSO, 2013), actuais ou sub-actuais, no que estava certo.

Foi também no decurso das escavações realizadas em 1864, nas quais participou Nery Delgado, então Adjunto da Comissão Geológica, que este recordou as semelhanças existentes entre as evidências que se lhe deparavam no terreno, e os célebres concheiros da Dinamarca, conforme declara Carlos Ribeiro no manuscrito em apreço,

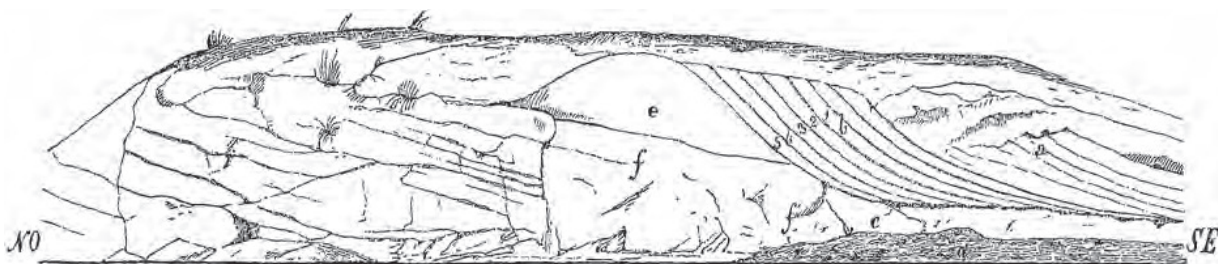


Fig. 1 – Corte estratigráfico executado no concheiro do Cabeço da Arruda em 1864 por Carlos Ribeiro (COSTA, 1865, Fig. 2).

ideia suscitada certamente pela leitura, entre outros, do livro de Lyell, publicado no ano anterior, o qual era conhecido pelos membros da Comissão Geológica, pelas citações que dele fazem (ver, p. ex., COSTA, 1865, p. 3, que retomou a mesma correlação).

A repercussão internacional destas descobertas muito contribuiu para a realização, em Setembro de 1880, da IX Sessão do Congresso Internacional de Arqueologia e de Antropologia Pré-Históricas, na qual coube a Carlos Ribeiro desempenhar o papel de anfitrião e principal responsável pela organização da reunião, na qualidade de Secretário Geral.

Ali apresentou Carlos Ribeiro, já diminuído fisicamente pela moléstia de que viria a falecer, dois anos volvidos, comunicação ilustrando os trabalhos nesse ano realizados nos concheiros do Cabeço da Arruda e da Moita do Sebastião, merecendo destaque especial o número acrescido de esqueletos humanos postos a descoberto em ambos os locais, sendo alguns deles fotografados *in situ*, o que constituiu o primeiro registo deste tipo publicado em Portugal (RIBEIRO, 1884, Pl. I, II).

Os congressistas tiveram a oportunidade de observar as escavações no dia 24 de Setembro de 1880, numa memorável viagem em combóio especial até Santarém, e dali por estrada, em atrelagens de muars. É de destacar a relevante importância dada pelas autoridades locais ao acolhimento dos congressistas, à chegada à estação de Santarém, e também pelos habitantes de toda a região, que se mobilizaram maciçamente, acompanhando os visitantes ao longo de todo o trajecto até Muge, passando o Tejo pela ponte de ferro ainda não completamente acabada, e seguindo depois por Almeirim e Benfica do Ribatejo. Chegados a Muge, as descrições da visita efectuada, apresentadas por dois dos mais activos membros do Congresso, É. Cartailhac (CARTAILHAC, 1880) e G. Cotteau (COTTEAU, 1881), que as publicaram pouco depois, são idênticas; transcreve-se do primeiro os seguintes parágrafos (*op. cit.*, p. 16), já que o relato do segundo foi publicado há poucos anos (CARDOSO & ROLÃO, 1999/2000):

“Il était midi lorsque nous arrivions au monticule énorme de Muge. Au sommet nous nous trouvons au bord d’une vaste et profonde excavation. On a laissé en place les divers squelettes humains rencontrés dans la fouille : l’apparition est saisissante! et tandis que deux mille personnes, du sommet des tranchées, regardent curieuses et étonnés, nous étudions la situation relative de ces squelettes, la composition du tumulus entièrement formé de débris de coquilles comestibles, de galets entiers et brisés apportés par l’homme et associés à des charbons, à de rares ossements et silex ; et les discussions vont leur train!

Mais l’heure passe ; il faut faire honneur au lunch servi sous la même tente qui nous abritait à Otta; il semble qu’une baguette de fée ait tout ordonné!

Tandis que la majeure partie des excursionnistes jouit d’une fraîcheur très-relative sous les grands arbres qui couvrent les flancs de la colline artificielle, nous nous rendons, en suivant la chaussée que traverse les marais, au tumulus voisin, au Cabeço d’Arruda. Là nous trouvons de plus nombreux squelettes humains ; ils sont à des hauteurs variées, il devient positif pour tous qu’ils sont contemporains des mangeurs de coquilles. Le système de formation du monticule nous apparaît clairement ; les os, les silex sont très-nombreux et nous pouvons faire ample provision de souvenirs.

Plusieurs kilomètres de marche pénible à travers les sables brûlants nous séparaient de la route où nous retrouvons les voitures ; nous parcourons le chemin suivi le matin, enchantés de cette journée, une des plus belles, assurément, qu’aient vues les Congrès internationaux! ”.

Verifica-se que o primeiro concheiro a ser observado pelos congressistas foi o da Moita do Sebastião, por ser o que se encontrava mais perto da povoação de Muge, o qual era facilmente acessível por estrada de terra batida, a mesma que ainda hoje permite o acesso ao local do concheiro, infelizmente arrasado até à base pelas instalações agrícolas que a Casa Cadaval ali construiu no início da década de 1950, viabilizando, contudo, trabalhos arqueo-

lógico entre 1952 e 1954, que permitiram a identificação de numerosos enterramentos na base do mesmo, a única parte conservada (CARDOSO & ROLÃO, 1999/2000).

Outra constatação é a de que foi no concheiro do Cabeço da Arruda, situado na margem oposta (a direita) do Paul do Duque, ao longo do qual corre a ribeira de Muge, que se puseram a descobrir a maior parte das sepulturas, na base do concheiro (Fig. 2). Esta afirmação é corroborada por P. Choffat, que publi-



Fig. 2 – Vista parcial da base do concheiro do Cabeço da Arruda, onde se dispersavam diversos enterramentos, postos à vista em 1880, aquando da visita dos participantes do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia pré-Históricas (RIBEIRO, 1884, Pl. I).

cou o relato da excursão, declarando que esta segunda visita foi guiada por Nery Delgado, (CHOFFAT, 1884). Foi também no Cabeço da Arruda que se recolheu, nas escavações efectuadas pouco antes da realização do Congresso, um esqueleto inteiro de cão doméstico, correspondendo à mais antiga sepultura desta espécie documentada em território português, conforme comprova a datação obtida, achado que, por razões desconhecidas, se manteve inédito (Fig. 3). Só recentemente tal achado foi acidentalmente identificado numa gaveta dos reservados das colecções arqueológicas do Museu Geológico, tendo sido já publicado (DETRY & CARDOSO, 2010). No



Fig. 3 – Esqueleto de cão recuperado em 1880 no concheiro do Cabeço da Arruda. A sua boa conservação indica que foi sepultado, após ter sido vítima de violência, *ante* ou *post-mortem*, atestada por diversas lesões no crânio (DETRY & CARDOSO, 2010, Fig. 2).

entanto, importa salientar que, desde as escavações de Carlos Ribeiro, tal espécie era já conhecida. Enfim, a qualidade do acolhimento dispensado aos congressistas é evidenciado pela tenda recheada de iguarias, postas à sua disposição, como comprova a ementa que teve o cuidado de se imprimir para o efeito (Fig. 4). Em suma, a qualidade e calor do acolhimento, a par da importância científica excepcional dos achados mostrados aos Congressistas, que puderam mesmo, como era costume na época, aprovisionar-se de materiais arqueológicos, colocados num montículo à sua disposição, provocaram nestes um sentimento de grande admiração pela investigação conduzida em Portugal pelos membros da Comissão Geológica e, em geral, pelos Portugueses.

Carlos Ribeiro, na sua única publicação dedicada às explorações que efectuou nos concheiros de Muge, em

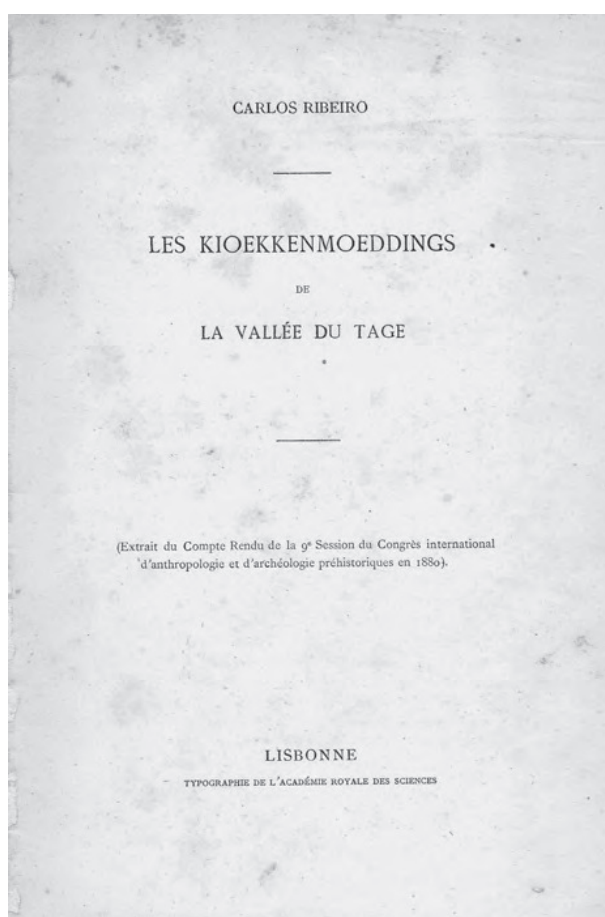


Fig. 5 – Folha de rosto do único trabalho assinado por Carlos Ribeiro sobre os concheiros de Muge, publicado postumamente em 1884, nas actas do Congresso de 1880 (arquivo do Autor).

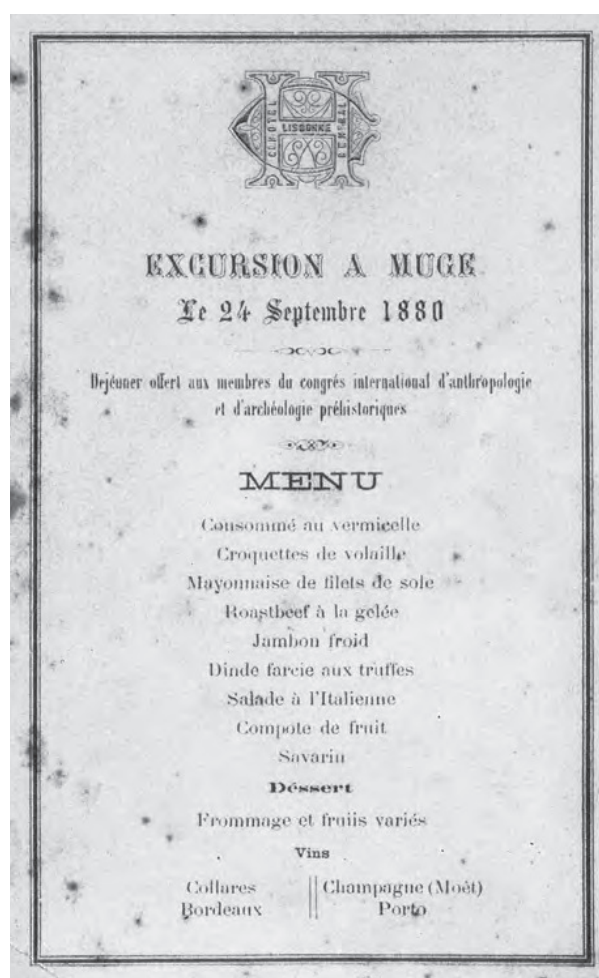


Fig. 4 – Ementa servida aos participantes na excursão a Muge, realizada a 24 de Setembro de 1880 (arquivo do Autor).

1864 e em 1880 a qual foi apresentada ao Congresso (RIBEIRO, 1884), mas só publicada dois anos após o seu falecimento (Fig. 5), elenca os quatro concheiros reconhecidos ao longo do Paúl do Duque, travessado pela ribeira de Muge: Fonte do Padre Pedro, destruído na década de 1920 pelo plantio de uma vinha; Cabeço da Arruda; Cabeço da Amoreira; e Moita do Sebastião, embora só descreva circunstancialmente os dois primeiros (RIBEIRO, 1884). Tal poderá dever-se ao facto de já não ter podido terminar o manuscrito, por via da doença que o vitimou. Basta, no entanto, o que deixou escrito para bem se perceber a importância arqueológica deste complexo arqueológico: dos 45 esqueletos identificados no Cabeço da Arruda em 1864, em 1880 esse número já ascendia, conjuntamente com os restos

recolhidos nesse mesmo ano de 1880 neste último concheiro e no da Moita do Sebastião, a 120 (RIBEIRO, 1884, p. 285).

Porém, muitas interrogações permaneciam em aberto, a começar pelo enquadramento cultural dos montículos artificiais, já que, não correspondendo claramente a estações da época paleolítica, também não possuíam os objectos característicos do Neolítico, como as produções cerâmicas, os objectos de pedra polida e os animais domésticos, salvo o cão, logo identificado por Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1884, p. 289). Esta foi, aliás uma das questões que constituiu matéria principal de discussão do Congresso, já que no conjunto das questões a debater, logo apresentadas no início do volume das respectivas Actas, se admitia explicitamente que tais acumulações pertenciam ao Neolítico:

“Comment se caractérise l’âge néolithique en Portugal? 1.º Dans les Kjoekkenmoeddings de la vallée du Tage; (...)”,

Procurando estabelecer um compromisso com a realidade material observada, Carlos Ribeiro atribuiu, com base nos conhecimentos da época, onde o termo Mesolítico ainda não tinha sido cabalmente aceite na terminologia arqueológica (ORLIAC, 1988), as estações por si descobertas e exploradas ao início do Neolítico (RIBEIRO, 1884,

p. 288). Por outro lado, a identificação ainda que com reservas, de duas populações distintas, uma braquicéfala, outra dolicocefala, por F. de Paula e Oliveira, com base no material antropológico exumado até 1880 e nesse mesmo ano apresentado ao Congresso de Lisboa (OLIVEIRA, 1884), constituía questão do maior alcance científico, que só na segunda metade do século seguinte ficou definitivamente esclarecida (CARDOSO, 2010/2011; CARDOSO, 2011). Mesmo entre a população citadina afastada destas polémicas científicas, a questão despertou interesse, na sequência da visibilidade que teve o Congresso então realizado, o que explica edição de F. de Paula e Oliveira, logo no ano seguinte, de uma brochura destinada ao grande público e onde realçava a existência de uma população braquicéfala, ainda que representada por escassos e mal conservados crânios (OLIVEIRA, 1881 a). Tal interesse torna-se ainda mais evidente se se atender ao facto de a comunicação apresentada ao Congresso pelo referido antropólogo ter merecido publicação na íntegra, logo no ano seguinte, em registo estenográfico, na revista de cultura e ciência “Era Nova”, dirigida por Teófilo Braga e Teixeira Bastos (OLIVEIRA, 1881 b).

O genuíno interesse suscitado por esta questão, tanto nos meios científicos, como nos meios mais informados e esclarecidos da burguesia citadina impunha, claramente, o prosseguimento dos trabalhos de campo.

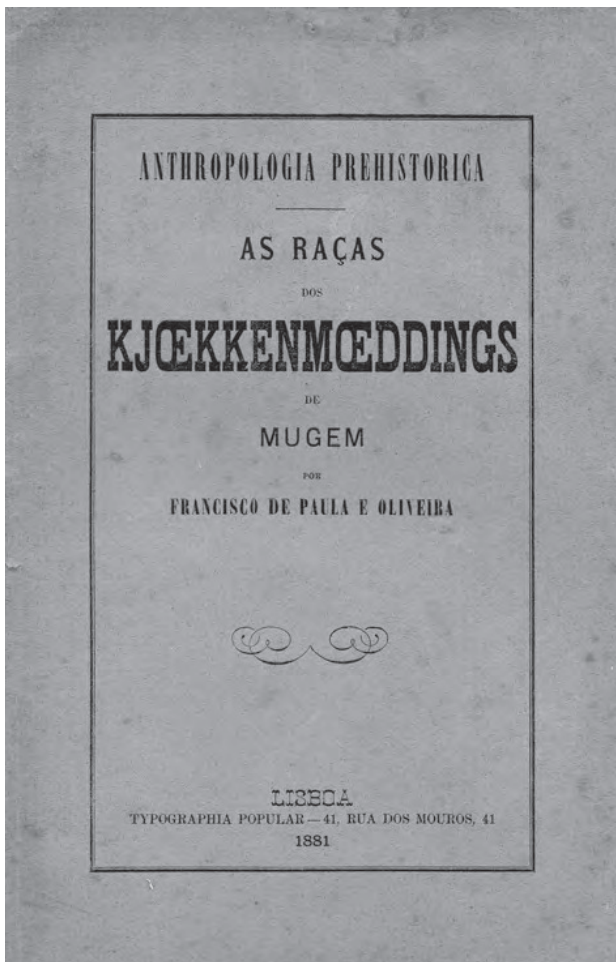


Fig. 6 – Capa de folheto de divulgação científica, publicado em 1881 por F. de Paula e Oliveira em edição de Autor (arquivo do Autor).

Ciente dessa realidade, da efectiva importância científica das descobertas até então efectuadas, e do prestígio que, por esta via, advinha para o País e naturalmente para a Instituição que chefiava, Nery Delgado, nomeado Director da Comissão dos Trabalhos Geológicos em 1882 após o falecimento de Carlos Ribeiro, de que foi colaborador próximo, encarregou F. de Paula e Oliveira, também ele adstrito à Instituição, de continuar dos trabalhos de campo. Sob sua direcção realizaram-se duas campanhas de escavações, em 1884 e em 1885, nos concheiros do Cabeço da Arruda, Moita do Sebastião e Cabeço da Amoreira, com excelentes resultados, que infelizmente ficaram por publicar, por via da morte prematura do seu autor, exceptuando pequena nota póstuma (OLIVEIRA, 1888/1889). Terminava assim a primeira fase da brilhante investigação promovida pela Comissão Geológica de Portugal e depois pela Secção dos Trabalhos Geológicos, inaugurada por Carlos Ribeiro e prosseguida fugazmente após a sua morte.

*** **

Importa destacar o interesse da comunidade científica internacional, desperta para a importância excepcional deste conjunto de estações, na sequência do sucesso do Congresso de Lisboa. Um dos principais participantes no Congresso, É. Cartailhac, tendo sido encarregado pelo Governo Francês, logo após o seu regresso a França, de redigir uma obra de síntese sobre a pré-história da Península Ibérica, não deixa de dedicar às estações em causa desenvolvidas referências, onde são mais as perguntas que as respostas, como a invocada ausência de ornamentos corporais, de rituais funerários, de hierarquização nos enterramentos, manifestada pela desordem evidenciada pelos mesmos, colocando mesmo a hipótese de poderem estar presentes sacrifícios humanos (CARTAILHAC, 1886, p. 57): “*chaque détail ajoute à notre surprise et à notre embarras*” (*op.cit.*, p. 58). Rejeitou, contudo, a hipótese de canibalismo, por não ter observado nos ossos quaisquer evidências de tal prática.

Tais considerações tiveram na época repercussão generalizada, também em Portugal. Assim, Ricardo Severo, um dos principais promotores da Sociedade Carlos Ribeiro, fundada no Porto, cujo exemplo de vida e obra científica tomou como patrono, tendo como mote a “*Propaganda das Sciencias Naturaes e Sociaes em Portugal*” (CARDOSO, 1996) publicou, sob a égide desta efémera agremiação científica de fins ecléticos, brochura dedicada na íntegra à análise científica daquela monografia, na qual a parte relativa aos concheiros de Muge ocupa extensão próxima da do texto que esteve na sua origem (SEVERO, 1888, p. 38 a 42).

Pela mesma época, o primeiro volume da “*História de España*”, escrita por membros numerários da Real Academia de la Historia, apresentava desenvolvida síntese das investigações realizadas, da autoria de Juan de Vilanova y Piera, que comparecera no Congresso de Lisboa, conhecendo portanto pessoalmente as escavações efectuadas em Muge (VILANOVA Y PIERA & RADA Y DELGADO, 1894, p. 474 a 482). Estranhamente, atribuiu-as a Pereira da Costa, bem como todas as restantes considerações contidas na monografia por este assinada, desde o modo de formação das estações, até às condições de jazida dos esqueletos humanos, quando teria obrigação de saber que tais resultados se deviam integralmente a Carlos Ribeiro, pois conhecia-o pessoalmente. Insólita é também a afirmação de que as escavações na Moita do Sebastião tivessem resultado de informações prestadas aos “*diligentes geólogos portugueses*” (*op. cit.*, p. 477) por caçador, que perseguindo um coelho, meteu a mão numa toca, tirando de lá os primeiros ossos humanos... como se a realização das escavações tivesse resultado de um simples acaso, e não de um propósito maduramente pensado e programado, como de facto se verificou. Aliás, o simples facto de as escavações se terem iniciado, não na Moita do Sebastião (onde as primeiras se efectuaram apenas em 1880), mas sim no Cabeço da Arruda, em 1864, retira toda a credibilidade a esta estranha afirmação, para mais vinda de quem deveria estar bem informado. Curiosamente,

o autor integra estas estações no Mesolítico, ao qual é dedicado todo um capítulo da obra, apesar de, como acima se disse, o termo ainda não se encontrar, na época, internacionalmente consolidado.

Outro aspecto mencionado na monografia de 1865 (COSTA, 1865, p.13), e valorizado pelos dois académicos espanhóis, diz respeito à dominância de ossos de grandes mamíferos nas camadas superiores dos concheiros, a qual foi então interpretada como o resultado da substituição de um grupo humano comedor essencialmente de mariscos, por um outro, caçador de animais. Esta hipótese, que os geólogos e arqueólogos espanhóis dizem que “*nada ofrece de extraordinário*” (*op. cit.* p. 480, 481), é matizada por Cartailhac que, sem a negar, pois não tinha razão objectiva para tal, considera duvidosa a substituição tão marcada de um grupo humano por parte de outro. Esta questão entronca directamente numa outra, então muito mais relevante à escala europeia, a da coexistência de duas populações antropológicamente muito distintas, uma dolococéfala, considerada mais antiga, outra braquicéfala. Tal hipótese, como se viu, foi sustentada pelo estudo efectuado por F. de Paula e Oliveira, e que Carlos Ribeiro teve o cuidado de imediatamente relativizar, sabendo que só com mais e melhores dados seria possível chegar a resultados fiáveis; talvez por isso seja omissa em relação àquela hipotética evidência de terreno, por ele próprio registada em 1864, no seu derradeiro trabalho dedicado aos concheiros de Muge, postumamente publicado (RIBEIRO, 1884).

*** **

As questões científicas suscitadas pelas investigações conduzidas por Carlos Ribeiro nos concheiros de Muge, que descobriu e escavou, assumiram um papel de primeira importância na época, não só pela importância excepcional intrínseca das próprias estações, mas também pelos problemas que os resultados obtidos, tanto arqueológicos como antropológicos suscitaram, vindo a ocupar outros investigadores, não menos informados, ao longo de todo o século XX, projectando-se, com outros protagonistas e outras metodologias e recursos, na actualidade.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, J. L. (1996) – As investigações de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado sobre o “Homem Terciário”: resultados e consequências na época e para além dela. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 33-54.
- CARDOSO, J. L. (2010/2011) – O Professor Mendes Corrêa (1888-1960) e as investigações sobre o *Homo afer taganus* dos concheiros mesolíticos de Muge. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 631-656.
- CARDOSO, J. L. (2011) – O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia portuguesa. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série III, 2 (2011), p. 229-297.
- CARDOSO, J. L. (2013) – Carlos Ribeiro, a “Breve notícia acerca do terreno quaternario de Portugal”, e a questão do Homem terciário em Portugal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 20. Neste volume.
- CARDOSO, J. L. (2015) – Carlos Ribeiro and Francisco António Pereira da Costa: dawn of the Mesolithic shell-middens of Muge (Salvaterra de Magos). In BICHO, N., DETRY, C.; PRICE, T. D. & CUNHA, E., *Muge 150th: The 150th Anniversary of the Discovery of Mesolithic Shellmiddens*. Cambridge Scholars Publishing.

- CARDOSO, J. L. & ROLÃO, J. M. (1999/2000) – Prospecções e escavações nos concheiros mesolíticos de Muge e de Magos (Salvaterra de Magos): contribuição para a história dos trabalhos arqueológicos efectuados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 83-240.
- CARTAILHAC, É. (1880) – *Congrès International d'Anthropologie & D'Archéologie Préhistoriques. Rapport sur la session de Lisbonne*. Paris: Eugène Boban.
- CARTAILHAC, É. (1886) – *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris : Ch. Reinwald.
- CHOFFAT, P. (1884) – Excursion a Muge. *Congrès International d'Anthropologie et d' Archéologie Préhistoriques (Lisbonne, 1880)*. Compte-Rendu de la neuvième session. Lisbonne: Typographie de l'Académie Royale des Sciences, p. 68-72.
- COSTA, F. A. Pereira da (1865) – *Da existencia do Homem em epochas remotas no valle do Tejo. Primeiro opusculo. Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- COTTEAU, G. (1881) – *Congrès International d'Anthropologie & D'Archéologie Préhistoriques. Session de Lisbonne notes de voyage*. Auxerre : Imprimerie de Georges Rouillé.
- DETRY, C. & CARDOSO, J. L. (2010) – On some remains of dog (*Canis familiaris*) from the Mesolithic shell-middens of Muge, Portugal. *Journal of Archaeological Science*. 37, p. 2762-2774.
- LYELL, C. (1863) – *The antiquity of Man with remarks on theories of the origin of Species by variation*. London: John Murray.
- LYELL, C. (1864) – Découverte supposé d'un os maxillaire inférieure humain dans la couche supérieure du terrain de Moulin-Quignon, dans les environs d'Abbeville. In *L'Ancienneté de l'Homme. Appendice*. Paris: J. B. Baillièrre et Fils, p. 14-19.
- OLIVEIRA, F. de Paula e (1884) – Notes sur les ossements humains qui se trouvent dans le musée de la Section Géologique de Lisbonne. *Congrès International d'Anthropologie et d' Archéologie Préhistoriques (Lisbonne, 1880)*. Compte-Rendu de la neuvième session. Lisbonne : Typographie de l'Académie Royale des Sciences, p. 291-305.
- OLIVEIRA, F. de Paula e (1881 a) – *Anthropologia prehistorica. As raças dos kjoekkenmoeddings de Muge*. Lisboa: Typographia Popular.
- OLIVEIRA, F. de Paula e (1881 b) – Caracteres descriptivos dos craneos prehistoricos existentes no museu da Secção Geologica. *Era Nova revista do movimento contemporâneo*. Lisboa. 4, p. 167-174.
- OLIVEIRA, F. de Paula e (1888/1889) – Nouvelles fouilles faites dans les kjoekkenmoeddings de la vallée du Tage (mémoire posthume). *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geologicos*. Lisboa. 2 (1). Separata.
- ORLIAC, M. (1988) – Mésolithique. In LEROI-GOURHAN, A., dir. *Dictionnaire de la Préhistoire*. Paris: Presses Universitaires de France, p. 686.
- PAÇO, A. do (1938) – Novos concheiros do vale do Tejo. *Brotéria*. Lisboa. 27 (1), p. 66-75.
- PERTHES, Boucher de (1847, 1857, 1864) – *Antiquités celtiques et antédiluviennes. Mémoire sur l'industrie primitive et les arts a leur origine*. Paris: Treuttel & Wurtz, Libraires. 3 vols.
- PERTHES. Boucher de (1860) – *L'Homme antédiluvien et ses œuvres*. Discours prononcé par le Président de la Société Impériale d'Émulation dans sa séance du 7 Juin 1860. Abbeville, p. 471-571.

- RIBEIRO, C. (1866) – *Estudos geologicos. Descripção do solo quaternario das bacias hydrographicas do Tejo e Sado*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.
- RIBEIRO, C. (1884) – Les Kioekkenmoeddings de la vallée du Tage. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques (Lisbonne, 1880)*. Compte-Rendu de la neuvième session. Lisbonne: Typographie de l'Académie Royale des Sciences, p. 279-289.
- SEVERO, R. (1888) – *Paleoetnologia portuguesa. Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Porto: Typographia Occidental.
- VILANOVA Y PIERA, J. de & RADA Y DELGADO, J. de la (1894) – *Geología y Protohistoria ibéricas*. In CÁNOVAS del CASTILLO, A., dir., *Historia General de España escrita por individuos de numero de la Real Academia de la Historia*. Vol. 1. Madrid: El Progreso Editorial.